

# A MENTE MORALISTA



Por que as pessoas boas se separam  
por causa da política e da religião?

Jonathan Haidt

JONATHAN HAIDT

A Mente Moralista

*Por que pessoas boas se separam  
por causa da política e da religião?*

Tradução

Antonio Kuntz

@kntz

Março de 2013

*Versão revista e atualizada em 10/02/2019*

Texto para divulgação e pesquisa.

NOTA DO TRADUTOR

*Esta tradução existe por três motivos: primeiro, é um exercício de linguagem, pois toda transposição de um idioma para outro não deixa de ser um trabalho e um aprendizado linguístico; segundo, é uma espécie de hobby igual a jogar videogames ou pintar paisagens; terceiro, unir exercício intelectual, entretenimento e ainda promover acesso a novas ideias para leitores interessados pode até ser um trabalho útil. Indicações de correções necessárias são bem-vindas.*

*kntz@outlook.com*

## A MENTE MORALISTA

“Este livro está causando ondas em ambos os lados do Atlântico.”

James Wilsdon, *Financial Times*

“Uma síntese marcante e original do psicologia social, uma análise política e uma racionalização moral que reflete o melhor da ciência nessas áreas.”

Simon Jenkins, *Guardian*

“Fácil de ler, inspirador... argumentativo, prolixo, diferenciando-se do padrão patriótico entre as facções em guerra na política americana, incentivando que cada uma reconheça o ponto de vista do outro a fim de parar a demonização, a violência e a pancadaria... a real contribuição de Haidt, em meu julgamento, é nos convidar a todos para sentarmos em uma mesma mesa.”

*Washington Times*

“O trabalho de Haidt torna-se muito relevante atualmente... *A Mente Moralista* não é uma leitura de ano eleitoral. A perspectiva de Haidt ajuda-nos a melhor entender nossas tendência políticas e religiosas.”

*San Francisco Chronicle*

“Tão convincente quanto inspirador... uma leitura recomendada.”

Constantine Sandis, *Times Higher Education*

“Como alguém que assiste diariamente o calor dos debates, fiquei fascinado, iluminado e animado pelas ideias brilhantes de Haidt. Este profundo mas também acessível livro vai ajudar leitores a entender as mentes moralistas que habitam as políticas.”

Larry Lobato, Universidade de Virginia, autor de *A More Perfect Constitution*

“Eis aqui a primeira tentativa de analisar profundamente os subterrâneos da moralidade e ideias conservadoras e liberais. Não pude parar de ler um minuto e descobri coisas sobre mim mesmo.”

Michael Gazzaniga, Universidade da Califórnia, autor de *O Cérebro Ético*

“*A Mente Moralista* é uma forte viagem intelectual que traz a teoria darwiniana à realidade prática do mundo político. O livro é bem escrito, é verdadeiramente raro encontrar um livro que faça tão grande contribuição teórica e, ao mesmo tempo, nos encoraje a lê-lo de forma entusiástica.”

Christopher Boehm, Universidade do Sul da Califórnia, autor de *Origens Morais*

## **JONATHAN HAIDT**

Jonathan Haidt é um psicólogo sócio-cultural, professor da Universidade de Virginia desde 1995 e professor visitante de Ética na Universidade de New York, Stern School of Business. Sua especialização acadêmica é a psicologia da moralidade e das emoções morais. Co-editor de *Flourishing: Positive Psychology and the Life Well Lived*. Autor de dois livros: *A Conquista da Felicidade: Encontrando a Verdade Moderna na Sabedoria Antiga* (2006) e *A Mente Moralista: Porque pessoas boas se separam por causa da política e da religião* (2012), que se tornou um best-seller do New York Times. Ele foi nomeado um dos “top global pensadores” pela revista Foreign Policy, e um dos “top world thinkers” pela revista Prospect.

“Tenho me esforçado a não rir das ações humanas, nem chorar por elas, nem odiá-las, mas entendê-las.”

Baruch Spinoza, *Tractatus Politicus*, 1676

## INTRODUÇÃO

“Podemos conviver uns com os outros?” Esse apelo foi feito num primeiro de maio, em 1992, por Rodney King, um homem negro que foi espancado quase até a morte por quatro policiais de Los Angeles um ano antes. O país inteiro tinha assistido o vídeo do espancamento, e quando o júri falhou em condenar os policiais, o veredito para soltá-los disparou o gatilho de revolta sangrenta e espalhou seis dias de barbárie nas ruas de Los Angeles. Cinquenta e três pessoas foram assassinadas e mais de sete mil casas foram queimadas. Muito da desordem foi televisionada ao vivo, câmeras acompanhavam a ação de helicópteros. Após um ato de violência extrema contra um motorista de caminhão, branco, King se comoveu para realizar seu apelo de paz.

O apelo de King é agora tão comum que se tornou uma moda cultural, uma frase de efeito<sup>1</sup> mais usada para provocar piadas que para buscar o entendimento mútuo. Por isso, até hesitei em usar essas palavras para começar o livro, mas decidi seguir em frente por duas razões.

A primeira é porque a maioria dos americanos está usando o apelo de King não mais para situações de conflitos raciais, mas por causa dos conflitos políticos e o colapso da cooperação entre os partidos. Muitos americanos sentem que as notícias do jornal da noite chegam de Washington através de malotes jogados por helicópteros que sobrevoavam zonas de guerra.

A segunda razão é que decidi abrir este livro com uma frase já muito usada porque King a concluiu com outra frase, raramente usada. Enquanto ele se desequilibrava emocionalmente durante a entrevista, lutando contra as lágrimas e se repetir, ele encontrou essas palavras: “Por favor, nós podemos conviver aqui. Todos nós podemos conviver. Isto é, estamos todos presos aqui por um tempo. Vamos tentar fazer isso funcionar.”

Este livro é sobre o porquê ser tão difícil conviver. Nós estamos, de fato, presos aqui por um tempo, assim, pelo menos podemos aproveitar para entender a razão de sermos facilmente separados em grupos hostis, cada um com suas próprias certezas.

Pessoas que devotam suas vidas a estudar alguma coisa frequentemente acreditam que o objeto de sua fascinação é a chave para o entendimento de

tudo. Livros têm sido publicados nos últimos anos sobre o papel na história da humanidade da culinária, maternidade, guerra... e até sal. Este é um desses livros. Eu estudo psicologia moral, e vou fazer a demonstração de que a moralidade é a capacidade humana que torna a civilização possível. Não estou dizendo que culinária, maternidade, guerra e sal não são tão importantes, mas neste livro eu quero levar você para uma viagem pela natureza humana e sua história pela perspectiva da psicologia moral.

No final da viagem, eu espero ter dado a você uma nova maneira de pensar dois dos mais importantes, problemáticos, e divisórios tópicos da vida humana: política e religião. Livros de etiqueta nos dizem para não discutir esses assuntos socialmente, mas eu digo para ir em frente. Política e religião são expressões das bases de nossa psicologia moral, e o entendimento dessa psicologia pode ajudar a unir pessoas.

Meu objetivo neste livro é drenar um pouco do calor, da raiva e do divisionismo desses assuntos e substituir por espanto, maravilhamento e curiosidade. Somos muito afortunados por desenvolver essa complexa psicologia moral que permitiu nossa espécie sair das florestas e dos cerrados para chegar às delícias, confortos e à paz extraordinária das modernas sociedades em alguns milhares de anos<sup>2</sup>. Minha esperança é que este livro inspire conversas sobre moralidade, política e religião de uma forma mais usual, civil e mais engraçada, em qualquer companhia. Minha esperança é que ele possa nos ajudar a conviver.

## NASCIDO PARA SER MORALISTA

Eu poderia ter intitulado este livro como *A Mente Moral* para combinar com o sentido de que a mente humana seria desenhada para agir “moralmente”, assim como é desenhada para falar, fazer sexo, música e muitas outras atividades descritas em livros populares sobre as últimas descobertas científicas. Mas eu escolhi *A Mente Moralista* para combinar com o sentido de que a natureza humana não é apenas intrinsecamente moral, é também intrinsecamente moralista, crítica e ajuizadora (julgadora).

A palavra moralista (*tradução mais adequada para righteous, palavra originalmente utilizada por Haidt*), vem do antigo nórdico *retviss* e do antigo inglês *rihtwis*, ambos significam “justo, certo, virtuoso”<sup>3</sup>. Este significado foi

trazido para o inglês moderno nas palavras *righteous* e *rightousness*, embora hoje em dia essas palavras tenham forte conotação religiosa por serem usadas para traduzir a palavra hebraica *tzedek*. *Tzedek* é uma palavra comum na Bíblia Judaica, frequentemente usada para descrever pessoas que agem de acordo com os desejos de Deus, mas é também um atributo de Deus e do julgamento das pessoas por Deus (muitas vezes cruel mas sempre entendido como justo).

O vínculo entre correção e ajustamento é capturado em algumas modernas definições de moralista, como “provido de um elevado senso de justiça, moralidade e equidade”<sup>4</sup>. O vínculo também aparece no termo *politicamente correto*, que significa “convencido de um senso próprio de correção (justiça), especialmente em contraste com ações e crenças de outros; de moralidade estreita e intolerantes”<sup>5</sup>. Quero demonstrar que a obsessão com o correto (leva inevitavelmente ao politicamente correto) é uma condição humana normal. É uma característica de nossa evolução, não um vírus ou um erro no cérebro que, sem o qual, seríamos sempre objetivos e racionais<sup>6</sup>.

Nossas mentes moralistas tornaram possível para os seres humanos – não para outros animais – produzir grandes grupos cooperativos, tribos e nações sem a cola do parentesco. Mas ao mesmo tempo, nossas mentes moralistas garantem que nossos grupos cooperativos serão sempre marcados por conflitos morais. Alguns graus de conflito entre grupos podem ser até mesmo necessários para a saúde e desenvolvimento da sociedade. Quando eu era adolescente eu queria a paz mundial, mas hoje apenas desejo que as ideologias em conflito sejam mantidas em equilíbrio, a partir das infraestruturas econômicas e de educação que tentam garantir isso, mesmo que algumas poucas pessoas ainda acreditem que a violência deva prevalecer à justiça. Não é um desejo romântico, mas é um que pode realmente ser realizado.

## O QUE VEM PELA FRENTE

Este livro tem três partes, que você pode imaginar como três livros separados – exceto que cada um deles depende dos outros. Cada uma das partes apresenta um dos princípios da psicologia moral.

A Parte I é sobre o primeiro princípio: *Intuições vêm primeiro, raciocínio estratégico depois*.<sup>7</sup> Intuições morais surgem automaticamente e quase

instantaneamente, bem antes que o raciocínio moral tenha chance de começar, e essas primeiras intuições tendem a direcionar nosso raciocínio posterior. Se você acha que raciocínio moral é alguma coisa que nos leva a descobrir a verdade, você vai ficar frustrado de ver quantas pessoas se tornam idiotas, sem nexos e ilógicas quando discordam de você. Mas se você acha que raciocínio moral é somente um talento humano que não ultrapassa a conveniência social – para justificar nossas ações e aos grupos que pertencemos – então as coisas começam a fazer sentido. Fique de olho nas intuições, e não encare os argumentos morais das pessoas como se fossem valores em si mesmos. Geralmente não passam de construções feitas de improviso, preparações para alcançar um ou mais objetivos estratégicos durante uma discussão.

A metáfora central desses quatro capítulos é de que a mente é dividida, como se fosse um condutor sobre um elefante, e a tarefa do condutor é servir ao elefante. O condutor é nossa consciência racional – a corrente de palavras e imagens que todos conhecemos. O elefante são os outros 99% de processo mental – aqueles que acontecem fora da consciência mas que realmente governam nosso comportamento<sup>8</sup>. Eu desenvolvi essa metáfora em meu último livro, *The Happiness Hypothesis* (comercialmente traduzido como *A Conquista da Felicidade* em português - Editora Sinais de Fogo, e *Uma vida que vale a pena* - Editora Martins Fontes), onde eu descrevo como o condutor e o elefante trabalham juntos, às vezes pobremente, quando tropeçamos pela vida em busca de significado e relacionamento. Neste livro eu uso a metáfora para solucionar enigmas tais como: porque parece que todo mundo (não eu) é hipócrita<sup>9</sup> e porque simpatizantes de partidos políticos são tão determinados em acreditar em teorias de conspiração e intrigas ultrajantes. Também vou usar a metáfora para mostrar a você como convencer pessoas que parecem ser imunes à razão.

A Parte II é sobre o segundo princípio da psicologia moral que é aquele de que *a moralidade não se resume ao mal e à justiça*. A central metáfora desses quatro capítulos é que A Mente Moralista é como uma língua com seis receptores de sabor. As moralidades ocidentais da nossa era são como temperos que tentam ativar apenas um ou dois de tais receptores – ora se preocupa com ofensa e sofrimento, ora se preocupa com equidade e injustiça. Só que as pessoas tem muitas outras poderosas intuições morais, tais como aquelas relacionadas com a liberdade, lealdade, autoridade e santidade. Eu

vou explicar de onde vem esses seis receptores de sabor, como eles formam as bases das culinárias morais no mundo, e porque os políticos da direita têm uma vantagem adicional quando preparam receitas que os eleitores gostam.

A Parte III é sobre o terceiro princípio: *A moralidade enlaça e cega*. A metáfora central desses quatro capítulos é que seres humanos são 90% macacos e 10% abelhas. A natureza humana foi produzida por seleção natural funcionando em dois níveis ao mesmo tempo. Indivíduos competem com indivíduos dentro de cada grupo, e nós somos os descendentes dos primatas que sobreviveram a essa competição. Isso nos deu o lado feio da nossa natureza, aquela que é geralmente mostrada nos livros sobre evolução humana. Somos realmente uns egoístas hipócritas com tanto talento em demonstrar virtudes que até enganamos a nós mesmos.

Mas além de indivíduos contra indivíduos, a natureza humana também foi moldada em forma de grupos competindo com outros grupos. Darwin já dizia há muito tempo, os grupos mais coesivos e cooperativos geralmente vencem os grupos de individualistas egoístas. As ideias de Darwin sobre seleção grupal saíram de moda nos anos sessenta, mas recentes descobertas estão trazendo essas ideias de volta, e as implicações são profundas. Não somos hipócritas egoístas sempre. Também temos a habilidade, sob situações especiais, de deixar de lado nossos egos e nos tornarmos como células de um organismo maior, igual a abelhas em uma colmeia, trabalhando para o bem de todos do grupo. Essas experiências são frequentemente as mais caras de nossas vidas, embora nosso espírito de colmeia possa nos cegar para outras preocupações morais. Essa natureza de abelha facilita o altruísmo, o heroísmo, a guerra e o genocídio.

Quando você vê nossa mente moralista como um pensamento de macaco coberto por um pensamento de abelha, você compreende toda uma nova perspectiva de moralidade, de política e de religião. Vou mostrar para você que essa nossa “natureza superior” nos permite ser profundamente altruístas, mas que esse altruísmo está limitado aos membros dos nossos próprios grupos. Vou mostrar que religião é (provavelmente) uma adaptação evolucionária para manter grupos unidos e ajudá-los a criar comunidades com uma moral compartilhada. Não é um vírus ou parasita, como alguns cientistas (“neoateístas”) têm argumentado ultimamente. E vou usar essa perspectiva para explicar porque algumas pessoas são conservadoras e outras, liberais (ou progressistas), e ainda outras são libertárias. Pessoas se unem

politicamente para compartilhar narrativas morais. Uma vez que aceitem uma narrativa específica, elas se tornam cegas a mundos morais alternativos.

(Nota de terminologia: Nos Estados Unidos, a palavra *liberal* se refere às políticas de esquerda ou progressistas, e eu uso a palavra neste sentido. Mas na Europa e em outros lugares, a palavra liberal é usada mais próxima de sua origem – valorizando a liberdade acima de qualquer outra coisa, incluindo as atividades econômicas. Quando europeus (Inglaterra) usam a palavra liberal, eles estão falando algo mais parecido com o termo libertário, que não se encaixa confortavelmente dentro do espectro esquerda-direita. (na Europa continental o liberalismo está mais próximo da direita)<sup>10</sup>. Leitores de fora dos Estados Unidos, se quiserem, podem trocar pelas palavras *progressista* e *de esquerda* toda vez que eu disser *liberal*.)

Nos próximos capítulos vou escrever sobre as últimas pesquisas em neurociência, genética, psicologia social e teoria evolucionária, mas a lição de casa do livro é antiga. É a constatação de que todos somos hipócritas politicamente corretos.

E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? ... Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. (Mateus 7:3-5)

O esclarecimento (ou sabedoria, como quiser) exige que todos nós retiremos as traves dos olhos e escapemos do nosso moralismo eternamente confortável e maniqueísta. Como escreveu o mestre Zen chinês, Sen-tze<sup>11</sup>:

O caminho perfeito é difícil apenas para os que escolhem a escolha; não goste, não desgoste; tudo se esclarecerá. Aponte uma sutil diferença, e céus e terra estarão separados. Se deseja que a verdade esteja à sua frente, nunca seja a favor ou contra. A batalha entre “a favor” e “contra” é a maior doença da mente.

Não estou dizendo que devemos viver nossas vidas como um mestre zen. De fato, acredito que um mundo sem moralismos, fofocas e julgamentos iria terminar em caos. Mas se entendermos nós mesmos, nossas divisões, limites e potenciais, precisamos dar um passo para trás, esquecer do moralismo, aplicar um pouco de psicologia moral e analisar o jogo que estamos jogando.

Vamos examinar a psicologia dessa batalha entre “a favor” e “contra”. É uma batalha que acontece em cada um dos nossos pensamentos moralistas, e entre todos os grupos moralistas.

---

1 Um sinal certo de que o apelo de King se tornou uma frase de efeito é que ela tem sido alterada. Uma busca no Google em “can’t we all get along” - será que não podemos conviver - (que King nunca disse) aparece três vezes a cada “can we all get along” - será que podemos conviver.

2 Veja Pinker (2011) para uma explicação de como a civilização trouxe uma espetacular queda da violência e crueldade, mesmo durante os anos de guerra e genocídio do século XX. Veja também Keeley (1996) sobre a alta taxa de violência entre grupos antes da civilização como a conhecemos hoje.

3 Oxford English Dictionary

4 *Webster’s Third New International Dictionary*. Esta é a definição #3 de *moralista*; “fazer aquilo que é certo, agir corretamente ou justamente: conforme os padrões das leis morais ou divinas”.

5 *Webster’s Third New International Dictionary*

6 Evolução é um processo de design, não exatamente um processo inteligente de design. Veja Tooby e Cosmides (1992)

7 Em meus artigos acadêmicos, eu descrevo quatro princípios de psicologia moral, não três. Para simplificar e facilitar a memorização eu juntei os dois primeiros neste livro porque ambos são aspectos do modelo de intuicionismo social (Haidt, 2001). Quando separados, os dois princípios são: *Primazia intuitiva sem ditadura*, e *pensamento moral para a ação moral*. Veja uma extensa discussão dos quatro princípios em Haidt e Kesebir, 2010.

8 Veja T. D. Wilson (2002) em “consciência adaptativa”.

9 Citando o título do excelente livro de Rob Kurzban (2010)

10 Nick Clegg, líder dos Democratas Liberais do Reino Unido assim coloca: “Pois não estamos à direita e nem à esquerda, temos nosso próprio rótulo: Liberais” (discurso proferido durante a Conferência de Primavera do Democratas Liberais em março de 2013, Sheffield, GB). Liberais europeus raramente chegam ao mesmo nível de devoção ao livre mercado e governo mínimo dos libertários americanos. Veja Iyer, Koleva, Graham, Ditto, e Haidt (2011) para uma revisão da literatura a respeito e novidades sobre os libertários.

11 Sen-tze, *Hsin hsin ming*. In conze, 1954.

## **PARTE I**

**A INTUIÇÃO VEM ANTES, O RACIOCÍNIO ESTRATÉGICO  
VEM DEPOIS.**

Metáfora Central

*A mente é dividida, há um condutor sobre um elefante, e a tarefa  
do condutor é servir ao elefante.*

## UM

### Qual a origem da moralidade?

Vou contar uma breve história. Faça uma pausa após a leitura e decida se as pessoas na história fizeram algo moralmente errado.

O cachorro de uma família foi morto atropelado em frente da casa. Eles ouviram falar que carne de cachorro era deliciosa, então cortaram o corpo do cachorro, cozinharam e o comeram no jantar. Ninguém os viu fazer isso.

Se você é como a maioria das pessoas bem educadas das minhas pesquisas, você sentiu um início de repulsa, mas hesitou antes de dizer que a família tinha feito algo moralmente errado. Afinal, o cão estava morto, eles não o machucaram, certo? E era o cachorro deles, e eles tinham direito de fazer o que quisessem com a carcaça, certo? Se eu forçar você a fazer um julgamento, é provável que você me dê uma resposta mais ou menos, algo como “Bem, eu acho nojento, creio que eles deviam ter enterrado o cachorro, mas não posso dizer eles estavam moralmente errados.”

OK, vamos a mais uma história desafiadora:

Um homem vai ao supermercado uma vez por semana e compra uma galinha (morta). Mas antes de preparar a galinha ele faz sexo com ela. Depois ele a cozinha e come.

Mais uma vez, nenhuma ofensa, ninguém sabe dizer, e igual ao cachorro da família, a situação envolve uma espécie de reciclagem – como algumas das pessoas pesquisadas disseram – um eficiente uso dos recursos naturais. Mas agora a repulsa é maior, e o ato simplesmente é degradante. Isso o torna errado? Se você é uma pessoa liberal e educada no ocidente, você vai dar outra resposta mais ou menos, reconhecendo o direito do homem fazer o que quiser desde que não prejudique ninguém mais. Mas se você não é uma pessoa liberal ou libertária do ocidente, você provavelmente vai achar isso errado – moralmente errado – alguém fazer sexo com uma galinha e depois comê-la. Para você, assim como a maioria das pessoas no planeta, a moralidade é abrangente. Algumas ações são erradas mesmo que não machuquem ninguém. O entendimento do simples fato de que a moralidade

difere pelo mundo afora, e mesmo dentro das sociedades, é o primeiro passo em direção ao entendimento do seu pensamento moralista. O próximo passo é entender de onde essa moralidade vem em primeiro lugar.

## A ORIGEM DA MORALIDADE (CENA 1)

Eu estudei filosofia na faculdade, esperando encontrar o significado da vida. Após assistir muitos filmes de Woody Allen, eu tinha impressão de que filosofia podia trazer alguma ajuda<sup>1</sup>. Mas também assisti às aulas do curso de psicologia e gostei muito, e daí decidi continuar. Em 1987 eu fui aceito para o programa de graduação em psicologia da Universidade da Pennsylvania. Eu tinha um plano de conduzir experimentos sobre a psicologia do humor. Achava que seria engraçado fazer uma pesquisa que obrigasse a frequentar clubes de comédia.

Uma semana após chegar na Filadélfia, fui conversar com Jonathan Baron, um professor que estudava como as pessoas pensavam e tomavam decisões. Com minha (mínima) experiência em filosofia, tivemos uma boa discussão sobre ética. Baron me perguntou: “É moral pensar qualquer coisa diferente de outros tipos de pensar?” Eu respondi que pensar em questões morais (se o aborto é errado, por exemplo) parecia diferente de pensar em outros assuntos (como onde iríamos jantar), pois é muito maior a necessidade de justificar e dar razões sobre seus juízos morais para os outros. Baron respondeu com entusiasmo, e conversamos sobre como alguém pode comparar pensamento moral com outros tipos de pensamento em laboratório. No dia seguinte, com pouco mais do que um sentimento de encorajamento, pedi a ele para ser meu orientador e comecei a me especializar em Psicologia Moral.

Em 1987, psicologia moral era uma parte da psicologia experimental. Pesquisadores focavam em questões sobre como as crianças desenvolviam seus pensamentos sobre regras, especialmente sobre regras de equidade. A grande questão por trás dessa pesquisa era: Como as crianças distinguem o certo do errado? De onde vem a moralidade.

Há duas respostas óbvias para essa pergunta: natureza ou educação. Se você escolhe natureza, então você é um inatista. Você acredita que o conhecimento moral é inato. Ele vem pré-programado, talvez escrito por Deus em nossos corações (como diz a Bíblia), ou desenvolvidas enquanto emoções morais

(como argumentava Darwin)<sup>2</sup>.

Mas se você acredita que a moral vem com a educação, então você é um empirista<sup>3</sup>. Você crê que as crianças são mais ou menos “lousas brancas” ao nascer (como diria John Locke<sup>4</sup>). Se a moralidade varia pelo mundo e através dos séculos, como poderia ser inata? Toda moral que temos na idade adulta foi aprendida durante a infância pela nossa própria experiência, o que inclui adultos nos dizendo o que é certo e o que é errado. (Empírico significa “da observação ou experiência”).

Mas esta é uma falsa escolha, e em 1987 a psicologia moral se focou mais em uma terceira resposta: o racionalismo, que diz que as crianças imaginam a moralidade por elas mesmas. Jean Piaget, o maior psicólogo experimental de todos os tempos, começou a carreira como zoologista estudando moluscos e insetos na Suécia, sua terra natal. Ele ficou fascinado pelos estágios pelos quais os animais passavam enquanto se transformavam de larvas a borboletas. Mais tarde, quando sua atenção se voltou para as crianças, trouxe com ele seu interesse por estágios de desenvolvimento. Piaget queria saber como a extraordinária sofisticação do pensamento adulto (uma borboleta cognitiva) emerge das limitadas habilidades de bebês (quase larvas).

Piaget focou nos tipos de erros que as crianças cometem. Por exemplo, ele colocava água em dois copos idênticos e perguntava às crianças se os copos tinham a mesma quantidade de água. (Sim, respondiam). Então ele despejava a água de um dos copos em um outro copo mais alto e estreito e perguntava às crianças para comparar este novo copo com aquele que não havia sido tocado. Crianças menores de seis ou sete anos usualmente respondiam que o copo mais alto continha mais água, porque ele seria maior. Elas não entendiam que o volume total da água é conservado mesmo quando movida de um copo para outro. Ele também descobriu que é impossível para adultos explicar a conservação do volume da água para as crianças. As crianças não entendiam até chegar à idade (estágio cognitivo) em que suas mentes estivessem prontas para entender. E quando elas estivessem prontas, elas imaginavam por si mesmas simplesmente brincando de trocar a água dos copos.

Em outras palavras, o entendimento da conservação do volume da água não era inato e não era aprendido dos adultos. Crianças aprendiam por si mesmas, mas somente quando suas mentes estivessem prontas e a elas fossem dadas a

oportunidade de fazer tais experiências.

Piaget aplicou seus experimentos cognitivos para estudar o pensamento moral das crianças também<sup>5</sup>. Ele ficava de joelhos para brincar com bolas de gude com as crianças, e deliberadamente se fingia de bobo e quebrava as regras do jogo. As crianças reagem aos seus erros e, fazendo isso, revelavam sua crescente habilidade de respeitar regras, mudá-las, esperar a vez e resolver conflitos. Este crescente conhecimento vinha em estágios ordenados, enquanto suas habilidades cognitivas amadureciam.

Piaget argumentava que o entendimento da moralidade infantil era similar ao seu entendimento dos copos com água: não podemos dizer que seria inato, e não podemos dizer que as crianças haviam aprendido com adultos<sup>6</sup>. Portanto, seria construído pela crianças brincando entre crianças. Aprender a dar a vez de jogar é como tirar e por a água de volta em copos diferentes.

Não importa o quanto se mostre para crianças de três anos de idade, elas simplesmente não estão prontas para entender o conceito de equidade<sup>7</sup>, tanto quando o conceito de volume. Mas ao atingirem a idade de cinco ou seis anos de idade, brincar com jogos, discutir e trabalhar em conjunto vai ensiná-las mais sobre equidade do que qualquer sermão adulto.

Esta é a essência do racionalismo psicológico: Nossa racionalidade se desenvolve igual a larvas se desenvolvem em borboletas. Se a larva come folhas suficientes, vai (eventualmente) criar asas. E se a criança experimenta jogos em grupo, compartilhamento e justiça no parquinho, vai (eventualmente) se tornar uma criatura moral, apta a utilizar suas capacidades racionais para resolver problemas complicados. Racionalidade é nossa natureza, e o bom raciocínio moral é o ápice do nosso desenvolvimento.

O Racionalismo tem uma longa e complexa história na Filosofia. Neste livro eu uso a palavra racionalista para descrever aquele que acredita ser o raciocínio o mais importante e valioso modo de obter o conhecimento moral<sup>8</sup>.

As ideias de Piaget foram complementadas por Lawrence Kohlberg, que revolucionou o estudo da moralidade no anos sessenta com duas inovações-chaves<sup>9</sup>. Primeiro, ele desenvolveu um método para quantificar a observação de Piaget de que as crianças mudavam seu raciocínio moral conforme a idade. Ele criou um quadro de dilemas morais que apresentava a crianças de várias idades, ele gravou e compilou suas respostas. Por exemplo, um homem chamado Heinz poderia arrombar uma farmácia e roubar um remédio que

salvaria a vida de sua esposa? Uma menina chamada Louise deveria contar para a mãe que a irmã mais nova havia mentido para ela? Não importava se as crianças respondiam sim ou não, o que importava eram as razões que as crianças davam ao tentar explicar suas respostas. Kohlberg encontrou seis estágios de progressão no raciocínio infantil sobre o mundo em sociedade, e esta progressão combinava com os estágios descobertos por Piaget do raciocínio infantil sobre o mundo físico. Crianças mais jovens escolhiam o certo e o errado a partir de características superficiais, como qual pessoal era punida por algo (se um adulto dava o castigo, então o ato tinha sido errado). Kohlberg chamou os dois primeiros estágios de níveis pré-convencionais de juízo, que correspondiam ao estágio piagetiano em que as crianças julgam o mundo físico a partir de características superficiais (se um copo é mais alto, então cabe mais água nele).

Mas durante o jardim de infância, a maioria das crianças deixam os dois estágios “convencionais”, tornando-se aptas para entender e mesmo manipular as regras e convenções sociais. Esta é a idade do moralismo ingênuo que todos nós que crescemos com nossos primos vai se lembrar (“Não estou batendo em você. Estou usando sua mão para bater em você. Pare de se bater!”). Crianças neste estágio se preocupam muito com uma rotina coerente e têm grande respeito pela autoridade - na forma oral e, se não, corporal inclusive. Elas raramente questionam a legitimidade da autoridade, mesmo quando aprendem a escapar dos limites que os adultos impõem.

Após a puberdade, no ponto em que Piaget diz que os jovens tornam-se aptos para o pensamento abstrato, Kohlberg encontrou alguns que começavam a pensar por si mesmas sobre a natureza da autoridade, o significado da justiça, e as razões por trás das leis e regras. Nos dois estágios “pós-convencionais”, adolescentes ainda valorizam honestamente e respeitam leis e regras, mas às vezes justificam a desonestidade ou desobedecer a lei em busca de um bem maior, a justiça, especificamente. Kohlberg criou uma inspirada imagem racionalista dos jovens como “filósofos morais” tentando encontrar um sistema ético coerente para si mesmos<sup>10</sup>. Nos estágios pós-convencionais, eles finalmente conseguem. Os dilemas de Kohlberg serviram com um bom instrumento para medir estes dramáticos avanços do racionalismo moral.

## O CONSENSO LIBERAL

Mark Twain uma vez disse que “para o homem com um martelo, tudo parece prego”. Depois que Kohlberg desenvolveu seu dilemas morais e suas técnicas de pontuação, a comunidade da psicologia tinha um novo martelo, e milhares de estudantes graduados escrevendo dissertações sobre o raciocínio moral. Mas existe uma razão mais profunda para que jovens estudantes de psicologia começassem a estudar a moralidade a partir de uma perspectiva racionalista, e esta era a segunda inovação de Kohlberg: ele usava sua pesquisa para construir uma justificação científica para uma atualizada e nova ordem moral de cunho liberal.

Uma das descobertas de Kohlberg que mais influenciou a comunidade de psicologia era a de que as crianças mais adiantadas moralmente (de acordo com sua técnica de pontuação) eram aquelas que mais tinham oportunidades de empatia - ao se colocarem no lugar de outra pessoa e olhar o mundo a partir dessa perspectiva. Relacionamentos igualitários (com parceiros) convidavam à empatia, mas relacionamentos hierárquicos (com pais e professores), não. É difícil para uma criança ver as coisas a partir do ponto de vista do professor, pois a criança nunca tinha sido um professor. Piaget e Kohlberg pensavam que pais e outras autoridades eram obstáculos ao desenvolvimento moral. Se você quer que seus filhos aprendam ciências naturais, permita que brinquem com copos e água, não os ensine sobre as leis físicas de conservação de volume. E se você quer que seus filhos aprendam sobre o mundo em sociedade, deixe-os brincar com outras crianças e resolver suas disputas, não os ensine sobre os dez mandamentos. E, pelo amor de Deus, não os forcem a obedecer a Deus, professores ou você. Pois isso apenas os congelaria em um nível convencional de moralidade.

O cronograma de Kohlberg era perfeito. Assim que a primeira onda dos *baby boomers* (nascidos entre 1943 e 1964) entrou para a universidade, ele já havia transformado a psicologia moral em uma palavra de ordem à justiça daquela geração, e dado a ela um instrumento de mensuração do progresso em direção ao ideal liberal. Nos vinte e cinco anos seguintes, de 1970 a 1990, psicólogos morais apenas entrevistavam os jovens sobre dilemas morais e analisavam suas justificativas<sup>11</sup>. A maioria desse trabalho era politicamente motivado – era uma cuidadosa e honesta pesquisa científica. Mas ao usar uma estrutura que predefinia moralidade como justiça ao mesmo tempo denegrindo a autoridade, a hierarquia e a tradição, era inevitável que a

pesquisa apoiasse pontos de vista que fossem seculares, questionadores e igualitários.

## UM TESTE MAIS FÁCIL

Se você forçar crianças a explicar noções complexas, como equilibrar a balança entre interesses conflitivos de direitos e justiça, com certeza irá se deparar com tendências (diferentes) por idade pois as crianças ficam mais articuladas quanto mais velhas ficam. Mas se estiver procurando pela primeira aparição de um conceito moral, então é melhor encontrar uma técnica que não exija muito talento verbal. O ex-aluno de Kohlberg, Elliot Turiel, desenvolveu essa técnica. Sua inovação era contar às crianças histórias sobre as crianças que quebravam as regras e então distribuir uma série de simples questões de sim e não. Por exemplo, você conta a história de um menino que ia para escola usando roupas comuns, mesmo que a escola exigisse o uso de uniforme. Você começa buscando por uma opinião genérica: “Isso está certo?” A maioria das crianças responde que não. Você pergunta se há uma regra para se vestir, elas respondem “sim”. Então você experimenta saber que tipo de regra seria: “E se o professor disse que estava certo para o menino usar roupas comuns?” e “E se isso acontecesse em uma outra escola sem regras para usar uniformes, estaria certo?”

Turiel descobriu que crianças até cinco anos de idade diziam que o menino estava errado por quebrar as regras, mas estaria tudo bem se o professor deixasse ou se na outra escola não houvessem essas regras. As crianças reconheciam que as regras sobre vestuário, alimentação e muitos outros aspectos da vida eram convenções sociais, arbitrárias e mutáveis de acordo com a situação<sup>12</sup>.

Mas se você pergunta às crianças sobre as ações que machucam outras pessoas, como uma menina que empurra um menino para fora do balanço porque ele quer brincar, você obtém uma série de respostas diferentes.

Quase todas as crianças dizem que a menina estava errada e estaria errada mesmo com a permissão do professor, e mesmo que nessa escola não existissem regras contra empurrar os outros para fora do balanço.

Crianças reconhecem que as regras que previnem ofensas são regras morais, as quais Turiel entendia como regras relacionadas à “justiça, direitos e bem

estar indicando como as pessoas deviam se relacionar umas com as outras”<sup>13</sup>.

Em outras palavras, crianças não tratam todas as regras da mesma maneira, como Piaget e Kohlberg supunham. Crianças podem não falar igual a filósofos morais, mas estão ocupadas em classificar informações sociais de uma maneira sofisticada. Elas parecem entender bem cedo que regras que previnem a ofensa são especiais, importantes, inalteráveis e universais. E esta forma de entender, disse Turiel, seria a fundação de todo o desenvolvimento moral. Crianças constroem seu entendimento moral sobre o limiar da absoluta verdade moral de que machucar é errado. Regras específicas podem variar através das culturas, mas em todas as culturas que Turiel pesquisou, crianças faziam a distinção entre regras morais e regras sociais<sup>14</sup>.

A história do desenvolvimento moral de Turiel é diferente de diversas formas do entendimento de Kohlberg, mas as implicações políticas são similares: moralidade é tratar as pessoas bem. É sobre ofensa e justiça (não sobre lealdade, respeito, dever, piedade, patriotismo ou tradição). Hierarquia e autoridade são geralmente coisas ruins (por isso é melhor deixar as crianças descobrir por si mesmas). Escolas e famílias deveriam portanto incorporar princípios progressistas de igualdade e autonomia (jamais princípios autoritários que permitam aos mais velhos treinar e constranger os mais jovens).

### ENQUANTO ISSO, NO RESTO DO MUNDO...

Kohlberg e Turiel tinham definido muito bem o campo da psicologia moral na época em que eu, sentado na sala de Jon Baron, havia decidido estudar sobre moralidade<sup>15</sup>. A área em que eu havia começado era empolgante e estava crescendo, embora eu já sentisse que havia alguma coisa errada. Não era a política – eu era bastante liberal na época, vinte e quatro anos de idade e cheio de indignação contra Ronald Reagan, grupos conservadores e contra os que se achavam a Maioria Moral. Não, o problema é que as coisas que estava estudando eram muito... áridas. Eu tinha crescido com duas irmãs, com idades próximas a minha. Nós brigávamos todos os dias, usando cada xingamento retórico que se pudesse imaginar. Moralidade era um paixão presente na minha família, enquanto tudo que eu lia era sobre raciocínio, estruturas cognitivas e domínios de conhecimento. Parecia tudo muito

cerebral. E raramente se fazia alguma menção à emoção.

E quando era apenas um calouro na faculdade, eu não tinha muita confiança em meus instintos, então me forcei a continuar lendo. Mas quando cheguei ao segundo ano, assisti um curso sobre psicologia cultural e fiquei cativado. O curso era ministrado por um brilhante antropologista, Alan Fiske, que havia estado na África por muitos anos estudando os fundamentos psicológicos das relações sociais<sup>16</sup>. Fiske nos deu várias etnografias (livros com relatórios sobre o trabalho de campo do antropologista) para ler, cada uma sobre um diferente tópico, parentesco, sexualidade ou música. Mas não importava o tópico, a moralidade era sempre um tema central.

Eu li um livro de bruxaria entre os Azande do Sudão<sup>17</sup>. Ele revelava que muitas crenças na bruxaria surgiam de forma similar em muitas partes do mundo, o que sugeria que eram realmente bruxarias ou (mais provavelmente) que havia algo específico na mente humana que dava origem a essa instituição cultural. Os Azande acreditavam que tanto mulheres como homens poderiam ser bruxos(as), e o medo de alguém ser considerado bruxo(a) fazia os Azande tomarem cuidado para não despertarem raiva ou inveja em seus vizinhos. Essa foi minha primeira dica de que os grupos criam seres sobrenaturais não para explicar o universo, mas para colocar ordem em suas sociedades<sup>18</sup>.

Eu li um livro sobre os Ilongot, uma tribo nas Filipinas em que os jovens se tornavam honrados após decepar algumas cabeças humanas<sup>19</sup>. Algumas dessas cabeças eram de assassinatos por vingança, o que oferecia aos leitores ocidentais um motivo que podiam entender. Mas muitas dessas mortes eram cometidas contra estranhos que não tinham tido nenhuma relação com o assassino. O autor explicava que essas mortes intrigantes eram o meio de canalizar os ressentimentos e conflitos entre grupos menores para fortalecer o grupo de caça, tudo terminando após uma longa noite de canto e celebração. Essa foi minha primeira dica de que a moralidade envolve tensão dentro de um grupo envolvido em uma competição entre diferentes grupos.

Aquelas etnografias eram fascinantes, muito bem escritas, e intuitivamente compreensíveis apesar da estranheza de seus conteúdos. Ler cada um daqueles textos era como passar uma semana em um novo país: confuso no início, mas aos poucos você se sintonizava, sentindo-se confortável em ser capaz de acompanhar o que se seguia. E com em toda viagem ao estrangeiro,

você aprendia muito mais de onde você vinha do que onde você estava visitando. Comecei a perceber os Estados Unidos e a Europa Ocidental como exceções históricas extraordinárias – novas sociedades que haviam encontrado um meio de controlar a generalizada barbárie moral sobre a qual os antropologistas escreviam.

Em nenhum outro lugar tal refinamento era mais aparente do que em nossa ausência de regras sobre a qual antropologistas desenvolveram os conceitos de “pureza” e “impureza”. Compare-nos com os Hua da Nova Guiné, que desenvolveram uma complexa lista de alimentos tabus que determinam o que os homens e as mulheres podem comer. A fim de que os meninos se tornem homens, eles devem evitar alimentos que lembrem a vagina, incluindo qualquer coisa vermelha, úmida, viscosa, oriunda de um buraco ou tenha cabelo. Soa de cara como uma superstição arbitrária misturada com o previsível sexismo de uma sociedade patriarcal. Turiel chamaria tais regras de convenções sociais, pois os Hua não acreditavam que os homens de outras tribos devessem seguir essas regras. Mas, com certeza, os Hua pareciam pensar em suas regras de comida como regras morais. Falavam delas constantemente, julgavam uns aos outros por seus hábitos alimentares, e regulavam suas vidas, deveres e relacionamentos pelo que a antropologista Anna Meigs chamava de “religião do corpo”.<sup>20</sup>

Mas não são apenas caçadores-coletores em florestas que pensam em práticas corporais como práticas morais. Quando li a Bíblia Hebraica, fiquei chocado ao descobrir que boa parte do livro – uma das fontes da moralidade ocidental – era cheia de regras sobre alimentos, menstruação, sexo, pele e manipulação de cadáveres. Algumas dessas regras eram claras tentativas de evitar doenças, tais como as longas sessões de Levítico sobre a lepra. Mas muitas dessas regras pareciam seguir uma mais lógica emocional do que a de evitar a ofensa. Por exemplo, a Bíblia proíbe os judeus de comer ou tocar “bichos que andam em bandos e que rastejam pela terra” (e apenas imagine o quanto é pior um bando de ratos do que um simples rato)<sup>21</sup>. Outras regras pareciam seguir uma lógica conceitual envolvendo conservar as coisas puras e não misturar com outras (tal como fazer roupas com duas fibras diferentes)<sup>22</sup>. Então, o que está errado aqui? Se Turiel estava certo que a moralidade trata da ofensa, então porque a maioria das culturas não ocidentais que moralizam tantas práticas parecem nada ter a ver com a ofensa? Por que muitos cristãos e judeus acreditam que “a limpeza esteja próxima da divindade”?<sup>23</sup> E por que

tantos ocidentais, mesmo os seculares, continuam a fazer escolhas sobre sexo e alimento como se tivessem significação moral? Liberais dizem às vezes que os conservadores são tão pudicos que qualquer coisa diferente da posição do missionário no ato sexual dentro casamento já seria um pecado. Mas conservadores também podem brincar com os conflitos liberais para a escolha do café da manhã – equilibrado entre ovos caipiras, café certificado, natureza, e uma variedade de toxinas (presentes no grãos de milho e soja geneticamente modificados), algumas com mais ameaças espirituais que biológicas. Mesmo se Turiel estivesse certo e crianças partissem do princípio da ofensa como um método de identificar ações morais, não posso ver como crianças ocidentais – criadas entre os Azande, Ilongot ou Huas – poderiam chegar aos conceitos de “pureza” e “impureza” por si mesmas. Há mais coisas no desenvolvimento moral do que crianças construindo regras a partir do que captam das perspectivas de outras pessoas e sintam sua dor. Há algo além do racionalismo.

## O GRANDE DEBATE

Quando antropologistas escrevem sobre moralidade, é como se falassem outra língua, diferente da usada pelos psicólogos que eu havia lido. A Pedra de Rosetta que me ajudou na tradução entre as duas áreas de pesquisa foi um artigo publicado pelo ex-orientador de Fiske, Richard Shweder, na Universidade de Chicago<sup>24</sup>. Shweder é um psicólogo antropologista que viveu e trabalhou em Orissa, um estado na costa leste da Índia. Ele descobriu grandes diferenças entre como os oriyans (residentes de Orissa) e americanos pensavam sobre a personalidade e a individualidade, e como essas diferenças levavam a pensamentos diferentes sobre a moralidade. Shweder citou o antropologista Clifford Geertz sobre como era incomum para ocidentais pensar em pessoas como indivíduos separados.

*A concepção ocidental de pessoa como um limitado, único, mais ou menos integrado universo emocional e cognitivo, um dinâmico centro de consciência, emoção, juízo e ação organizado em um todo distinto e em contraste com as totalidades naturais e sociais que o cercam, é – por mais coerente que nos pareça – uma ideia estranha no contexto das culturas do mundo<sup>25</sup>.*

Shweder deu uma simples ideia para explicar porque o “eu” difere tanto entre as culturas: todas as sociedades devem resolver um conjunto básico de questões sobre como se ordenar, sendo a mais importante a de como

equilibrar as necessidades entre grupos e indivíduos. E, ao que parece, há somente duas maneiras de responder a essa questão. A maioria das sociedades escolheram uma resposta sociocêntrica, colocando as necessidades dos grupos e instituições em primeiro lugar, subordinando as necessidades individuais a aquelas. Em contraste, a resposta individualista coloca os indivíduos no centro e considera a sociedade a serviço do indivíduo<sup>26</sup>. A resposta sociocêntrica dominou durante a maior parte do mundo antigo, mas a resposta individualista tornou-se uma poderosa rival durante o Iluminismo. A resposta individualista derrotou a visão sociocêntrica no século vinte com a rápida expansão dos direitos individuais, o aumento da cultura de consumo, e o mundo ocidental reagiu horrorizado aos males perpetrados pelos ultrassociocêntricos fascistas e os impérios comunistas. (Nações europeias com fortes redes de segurança social não se encaixam na definição sociocêntrica. Elas apenas fazem um bom trabalho de proteção individual contra os azares da vida.)

Shweder achava que as teorias de Kohlberg e Turiel foram produzidas por e para pessoas de culturas individualistas. Ele duvidava que essas teorias se aplicassem a Orissa, onde a moralidade era sociocêntrica, os egos era interdependentes, e nenhuma linha nítida separava regras morais (preventivas de ofensa) de convenções sociais (regulando comportamentos não ligados à ofensa). Para testar suas ideias, ele e dois colaboradores surgiram com trinta e nove histórias em que alguém violava alguma regra ora no Estados Unidos, ora em Orissa. Os pesquisadores então entrevistaram 180 crianças (com idades entre cinco e treze anos) e 60 adultos que viviam em Hyde Park (vizinhos à Universidade de Chicago) usando essas histórias. Eles também entrevistaram algumas crianças de Bramin e adultos da cidade de Bhubaneswar (antigo local de peregrinação em Orissa)<sup>27</sup>, e 120 pessoas de baixa casta (intocáveis). Ao todo foi um enorme empreendimento, 600 longas entrevistas em duas diferentes cidades.

As entrevistas seguiam o método de Turiel, de certa forma, mas os cenários abrangiam bem mais comportamentos que Turiel teria imaginado. Como pode ser visualizado no topo da figura 1.1, pessoas em algumas das histórias obviamente machucavam pessoas ou as maltratavam, os sujeitos da pesquisa (as pessoas entrevistadas) em ambos os países condenavam essas ações ao dizer que eram erradas, total e universalmente erradas. Mas os indianos não viriam a condenar outros casos que pareciam (aos americanos) não envolver

tão claramente a ofensa e o maltrato (veja o centro da figura 1.1)

<b>Ações que indianos e americanos concordavam ser erradas:</b>
Caminhando, um homem vê um cachorro dormindo na rua. Ele caminha até ele e lhe dá um chute.
Um pai diz para o filho, “se você tirar nota boa eu lhe dou uma caneta de presente”. O filho tirou um nota boa mas o pai não lhe deu nada.
<b>Ações que americanos achavam ser erradas mas que indianos achavam aceitáveis:</b>
Uma mulher casada foi ao cinema sozinha sem avisar ao marido. Ao voltar pra casa o marido ameaçou: “Se fizer isso de novo eu bato em você.” Ela fez de novo e o marido bateu nela. (Julgue o marido)
Um pai tinha um filho e uma filha já casados. Quando o pai morreu o filho entrou com uma ação para ficar com a maior parte da herança. A filha ficou com a menor. (Julgue o filho).
<b>Ações que indianos achavam erradas mas que americanos achavam aceitáveis:</b>
Um filho de vinte e cinco anos trata o próprio pai pelo primeiro nome.
Uma mulher cozinhou arroz e quis comer com seu marido e seu irmão mais velho. Então ela comeu com eles. (Julgue a mulher)
Uma viúva comia peixe duas ou três vezes por semana.
Após defecar uma mulher não trocava de roupa antes de cozinhar.

[Figura 1.1. Algumas das 39 histórias usadas por Shweder, Mahapatra e Miller em 1987.]

A maioria das trinta e uma histórias não retratavam ofensa ou injustiça, pelo menos nenhuma que pudesse ser óbvia para crianças de cinco anos de idade, e quase todos os americanos disseram que essas ações eram permitidas (veja a base da figura 1.1). Se os indianos dissessem que essas ações eram erradas, então Turiel diria que eles estavam condenando essas ações meramente como violações de convenções sociais. E a maioria dos entrevistados indianos – mesmo as crianças de cinco anos de idade – diziam que as ações eram erradas, total e universalmente erradas. As práticas indianas relacionadas com a alimentação, sexo, vestuário e relações de gênero eram usualmente julgadas como ações morais, não como convenções sociais, e havia poucas diferenças entre adultos e crianças de cada cidade. Em outras palavras, Shweder não encontrou traços de pensamentos sobre convenções sociais na sociocêntrica cultura de Orissa onde, como ele colocou, “a ordem social é uma ordem moral”. A moralidade é muito mais densa e abrangente em Orissa; quase toda

ação prática poderia ser carregada de força moral. E se essa era a verdade, a teoria de Turiel se tornava menos plausível. As crianças não estavam descobrindo a moralidade por elas mesmas, baseadas numa certeza pétrea de que a ofensa é má.

Mesmo em Chicago, Shweder encontrou pouca evidência do pensamento sócio-convencional. Havia histórias em que não ocorria ofensa ou injustiça, como a da viúva comedora de peixes, e americanos diziam que eram casos em que estava tudo bem. Mas o mais importante, eles não viam esses comportamentos como convenções sociais que poderiam ser alterados por consentimento popular. Acreditavam que viúvas poderiam comer o que bem quisessem, e se havia algum país que pessoas podiam limitar a liberdade da viúva, bem, elas estavam erradas. Mesmo nos Estados Unidos a ordem social é uma ordem moral, mas é uma ordem individualista construída em torno da liberdade e da proteção dos indivíduos. A distinção entre moral e simples convenção social não é uma ferramenta que toda criança utilize para construir por ela mesma seu conhecimento moral. Mais precisamente, a distinção torna-se um artifício cultural, um produto necessário da resposta individualista para a questão de como os grupos e indivíduos se relacionam. Quando indivíduos são colocados em primeiro lugar, antes da sociedade, toda regra ou prática social que limita sua liberdade pessoal pode ser questionada. Se a regra não protege alguém de sofrer ofensa, ela não pode ser moralmente justificada. É uma convenção social.

A pesquisa de Shweder foi o maior ataque à toda abordagem racionalista, mas Turiel não se deu por vencido. Ele escreveu um longo ensaio de refutação apontando como as trinta e nove histórias eram “pegadinhas”: pois teriam diferentes significados na Índia e nos Estados Unidos<sup>28</sup>. Por exemplo, Hindus em Orissa acreditavam que peixe era um alimento “quente” que iria estimular o apetite sexual de uma pessoa. Se uma viúva come alimentos quentes, ela teria mais probabilidade de fazer sexo com alguém, o que poderia ofender o espírito de seu falecido e impedir que ele reencarnasse em um nível maior. Turiel afirmava que ao se levar em conta o modo com o indiano entende o mundo (suas suposições informativas), se mostraria que a maioria das trinta e nove histórias de Shweder eram realmente violações morais, machucando as pessoas de um modo que os americanos não poderiam ver. Dessa forma, a pesquisa de Shweder não contraria as afirmações de Turiel, e até mesmo as suportaria, se nós pudéssemos ter

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Mente Moralista: Por que as pessoas..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).